

princípio. Ora, sendo a inteligência de Deus o princípio da produção das criaturas, é preciso, para que estas alcancem a sua perfeição, que haja criaturas inteligentes. Só assim retornam a Deus, o que fazem tanto pela semelhança de natureza (ser), como pela semelhança de operação (conhecer)" (7). Diz êle ainda: "Tôdas as coisas existem para conhecerem, como fim último, a divina semelhança; ora, é a criatura inteligente que torna as não inteligentes semelhantes a Deus" (8).

Essas considerações tomistas, se aplicadas ao pluralismo, revestem-se de grande interesse, pois insinuam que os milhões de planêtas que hoje sabemos existirem no Universo cumpririam, de maneira perfeita, a finalidade metafísica da *volta para Deus* pelos seres inteligentes que nêles habitassem.

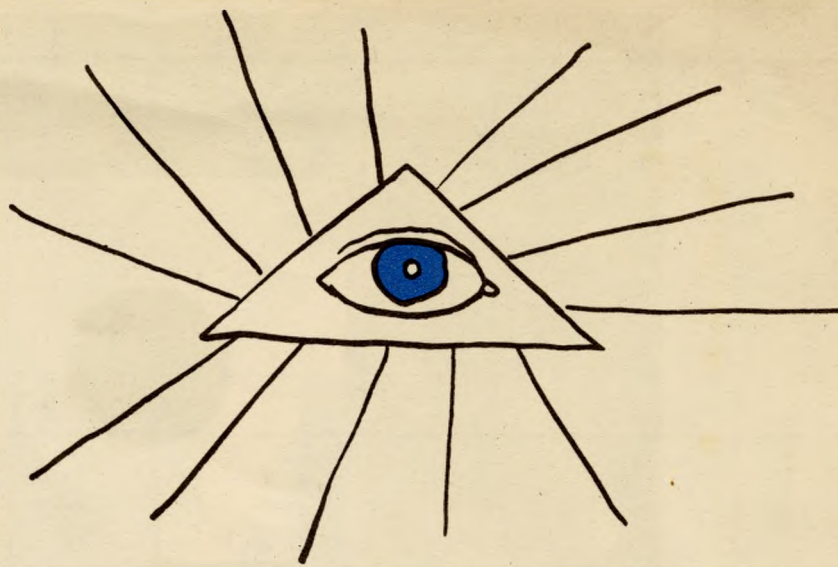
Não é mais o pluralismo, atualmente, mera hipótese e hipótese ortodoxa, contra a qual não se opõe a fé. Já pode ser considerado como fato, embora não tenha o homem, ainda, conquistado os astros e nestes comprovado a existência de seres que lhe sejam semelhantes. É que há indícios, certos, de vida inteligente extraterrestre e mais bem dotada que a humana. É o que testemunham os "discos voadores". A princípio pareciam confundir-se (e, de fato, algumas vezes se confundiram) com balões-sonda, astros ou meteoros. Em alguns casos foi comprovada alucinação ou psicose, por parte dos observadores. Grande número de casos, porém, houve (e continua havendo) em que a mais rigorosa e insuspeita observação conclui pela *existência real* dos oficialmente chamados "objetos voadores não identificados", cujas características dinâmicas os fazem proceder de outros mundos. Dentre as autoridades que já se manifestaram a respeito encontram-se o Prof. Jung, famoso psicólogo a quem foi entregue o exame de inúmeros casos, e o não menos famoso Prof. Oberth, "o pai dos foguetes modernos". Dêste último é a recente declaração de que "formas sobrenaturais de vida estão observando a Terra", formas que denominou "Uranídeos", ou seja, seres do espaço exterior. Crê mesmo Oberth que sejam os discos oriundos de fora do Sistema Solar, de planêtas cujo sol se assemelhe, astrofisicamente, ao nosso. Acrescenta, ainda, que poderão ser tripulados ou não, nesse último caso devendo ser "servomecânicos", isto é, independentes de contrôle remoto.

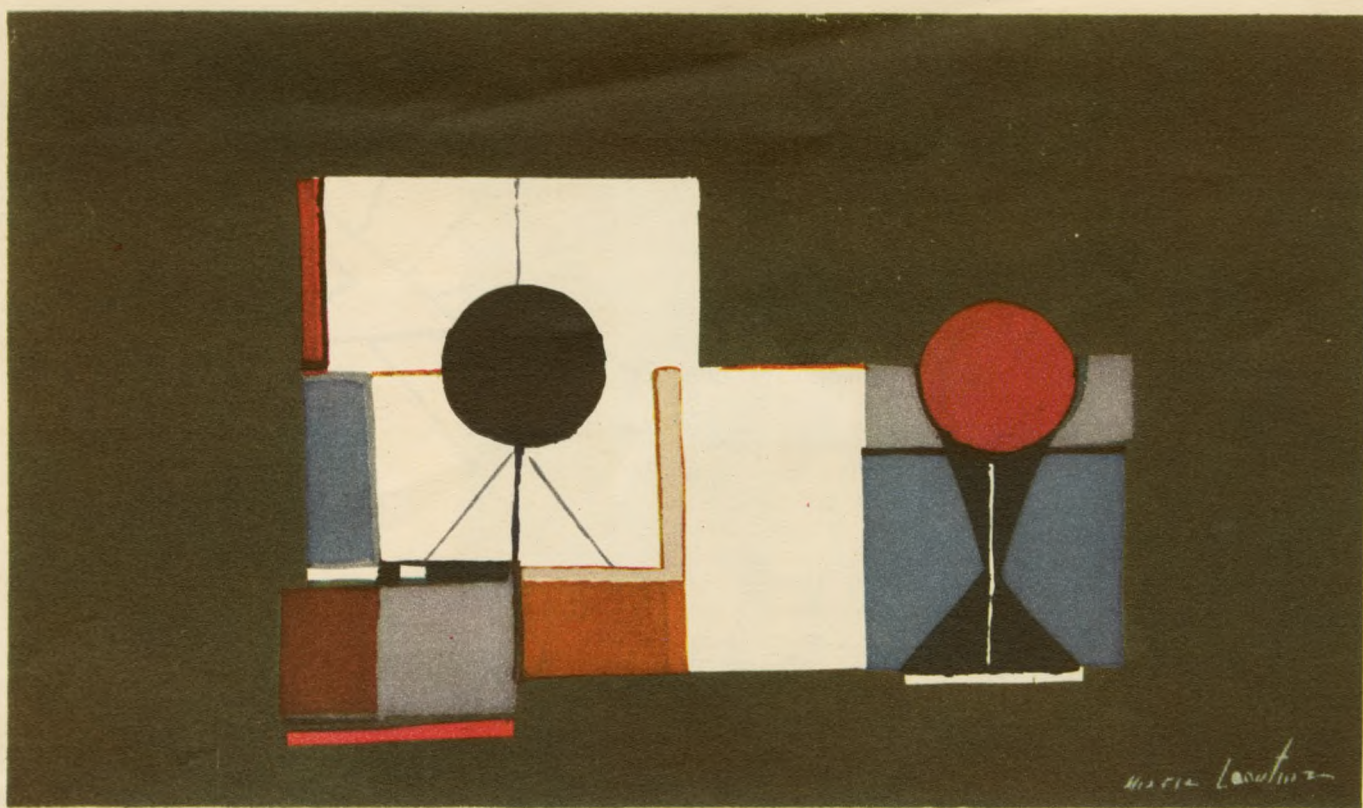
A Astrobiologia, ciência que se encontra nos primórdios, já pode ser acrescida do seu mais importante capítulo: a Astroantropologia.

Em suma, Religião, Filosofia e Ciência, a partir da segunda metade dêste século, começam a dilatar a sua visão de Deus, do mundo e da vida. Reaparece verdadeiro o antropocentrismo, mas o antropocentrismo cósmico: é o homem, afinal, que está no centro do Universo. E o homem cósmico é gênero de que o homem terrestre talvez seja, apenas, espécie. E espécie ínfima. △

(7) Cf "Summa contra Gentes". II, 46.

(8) Cf Op, cit., III, 19.





DJANIRA / primitiva / Trabalhadores de cacau ↓
 Depois de Rousseau, o primitivismo veio revalorizar artistas autodidatas. Diz Djanira: "Na minha pintura procuro mostrar, de modo simples, sem complicações, todo o meu amor à vida e a tudo o que me emociona. Mas na procura do desenho, composição e cores, escapam muitas coisas íntimas".

MARIA LEONTINA / abstrato-onírica / Cena I ↑
 A linha, a forma e a cor, dosadas pelas reações inconscientes da artista, são recolhidas dentro de uma organização abstrata. Maria Leontina recria no espaço plástico climas de sonho e de lirismo. A princípio foi expressionista figurativa. Hoje, abstrata, ainda está coerente.





PORTINARI / expressionista / São João Batista

O artista deforma o que é aparente para todos nós. Nesta deformação está sua maneira de ver, de sentir e de explicar o que está sentindo. Transformada a figura, o objeto leva a sua marca muito pessoal e é a sua expressão desse objeto. Daí chamar-se essa tendência de "expressionismo".



TARSILA / pintura "pau brasil" / Casas

"Impregnada de cubismo, teórica e praticamente, senti, recém-chegada da Europa (1924) um deslumbramento diante das decorações populares das casas de S. João del Rei, Tiradentes, Mariana, Sabará, Ouro Preto e outras cidades cheias de poesia popular". E daí nasceu a "pau brasil".

ARTE DE HOJE

MÁRIO de la Parra é um gravador chileno, indivíduo amável, cuja aparência sugere a de um jóquei bem nutrido, aposentado. Mário acredita na fraternidade entre os artistas plásticos, quer divulgá-los todos, desde que sejam antiacadêmicos (a palavra moderna em relação a uma arte que está conosco há tanto tempo é uma redundância). Isto, no Brasil, onde as tendências artísticas e seus representantes mais sugerem os filiados da CBD a digladiar-se com maior veemência do que é dedicada ao trabalho criador, a mudar de time, ou de tendência, se preferirem, com a desfaçatez de um camaleão; terra onde ninguém sabe se a maioria dos críticos de artes plásticas critica o trabalho do próximo, ou se dita o trabalho do próximo.

Mário não dá importância a essas coisas. É editor de arte. Já publicou um álbum de Di Cavalcanti, "7 Flôres", com poema de Carlos Drummond de Andrade. Não tem prevenção contra nomes estabelecidos, que estão sempre na alça da mira dos valores novos, ansiosos por substituí-los. Mário imprime os

NEMÉZIO ANTUNES / abstrato-surrealista / Grande toalha azul

Pintor chileno. Sua realidade se dissolve no reajuste de cores e formas. Partindo de elementos simples e realistas, o artista vai, através de relações inesperadas entre os elementos da realidade que recria, conseguir um clima quase que inteiramente surrealista e muito lírico.

cartões para usos vários, que mostramos nesta reportagem, e comenta irônicamente: "os artistas mais visados pelos seus colegas — Di Cavalcanti e Portinari — são os únicos que vendem bem, excetuando Ivan Serpa, entre os abstratos. E com o lucro de Di e Portinari é que edito os outros".

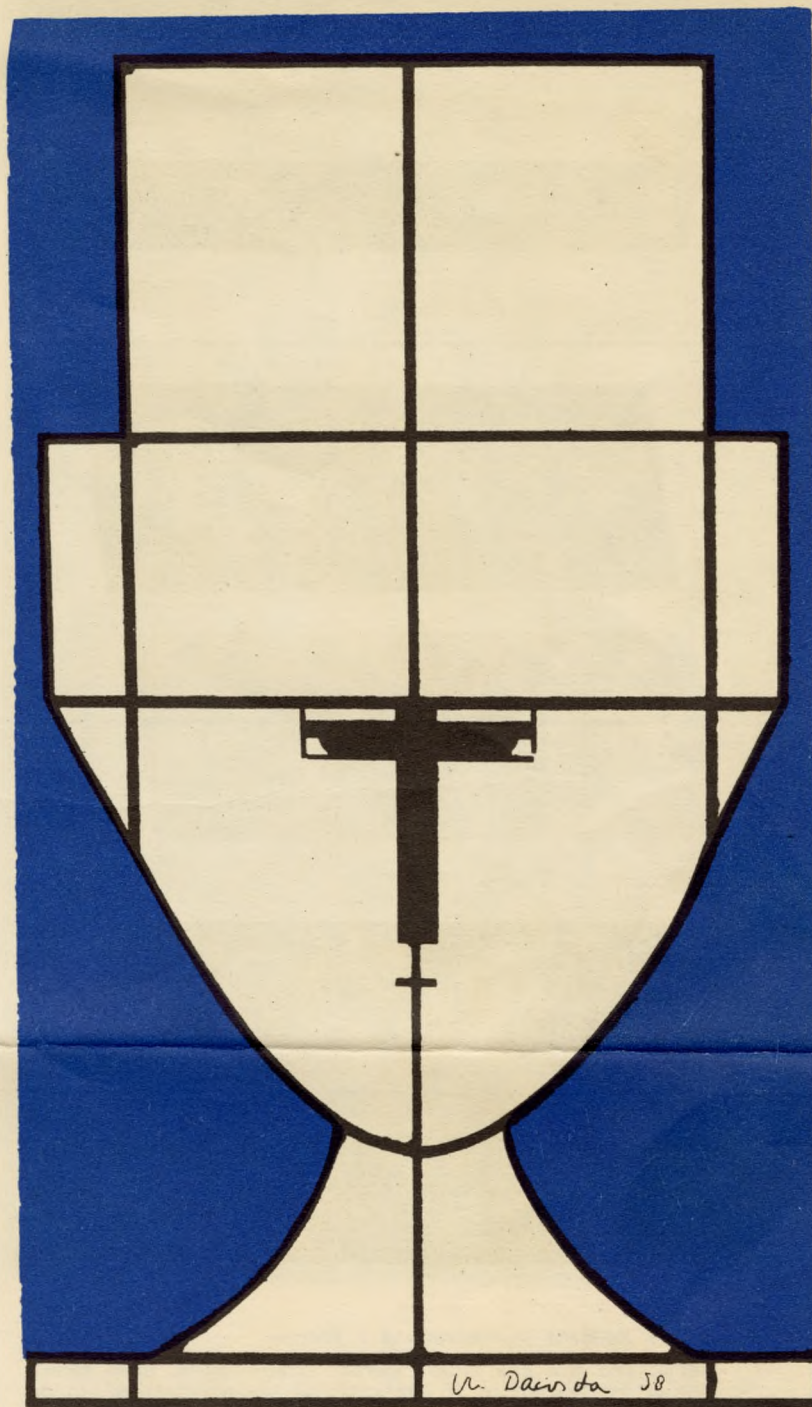
Mário não se limita a cartões. Vai editar todos os pintores em quem reconhece mérito. Os cartões, que custam Cr\$ 40,00 cada, são um "sidekick". Em todo caso, conta, com um sorriso, como lhe veio a idéia de imprimi-los: "Foi num Natal. Eu abria a correspondência, que continha os cumprimentos de praxe. O primeiro dizia: "Que as luzes do Natal iluminem o vosso lar e que o Novo Ano seja cheio de venturas".



Vinha acompanhado de uma ilustração com sinos badalando. O segundo mostrava florões de cipreste de uma flor que nunca vi no Brasil. Acompanhava-o outro clichê: "Augurando um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo repleto de saúde para V. Exa. e Exma. Família". Seguia-se outro com Reis Magos, pobres reis magros correndo atrás de uma estrêla de rabo, dizendo: "Milhões de felicidades e alegrias neste Natal e que o Ano Novo propicie a realização plena de todos os vossos anseios". Então, no Natal seguinte, fiz meus próprios cartões sem dizeres. E explico: meus cartões não têm dizeres porque foram feitos para pessoas que têm palavras próprias".

Mário de la Parra começou o negócio de reproduções no Chile. Diz que o esnobismo, ou melhor, o analfabetismo dos pseudo-sofisticados locais era de tal ordem que eles não distinguiam uma escola de arte da outra. Com o intuito de ignorar êsses estetas puros e de atrair o interêsse do povo para a arte de hoje, Mário começou a imprimir reproduções de figurativistas folclóricos — mais acessíveis ao leigo — vendendo-as a preços baratos. Daí passou aos abstracionistas. Quando saiu do Chile, saiu certo de que deu sua contribuição para formar uma consciência da arte atual em seus compatriotas.

Veio ao Brasil a passeio. Estabeleceu-se aqui. Vai fundar, em breve, uma firma editôra de arte. Começou aqui também imprimindo figurativos, passando, depois, aos abstratos e primitivos. Usou e usa até hoje o processo "silk-screen". Êste filtra as tintas em pranchas através de guarnições de sêda, obtendo um realce de cada elemento reproduzido, que equi-

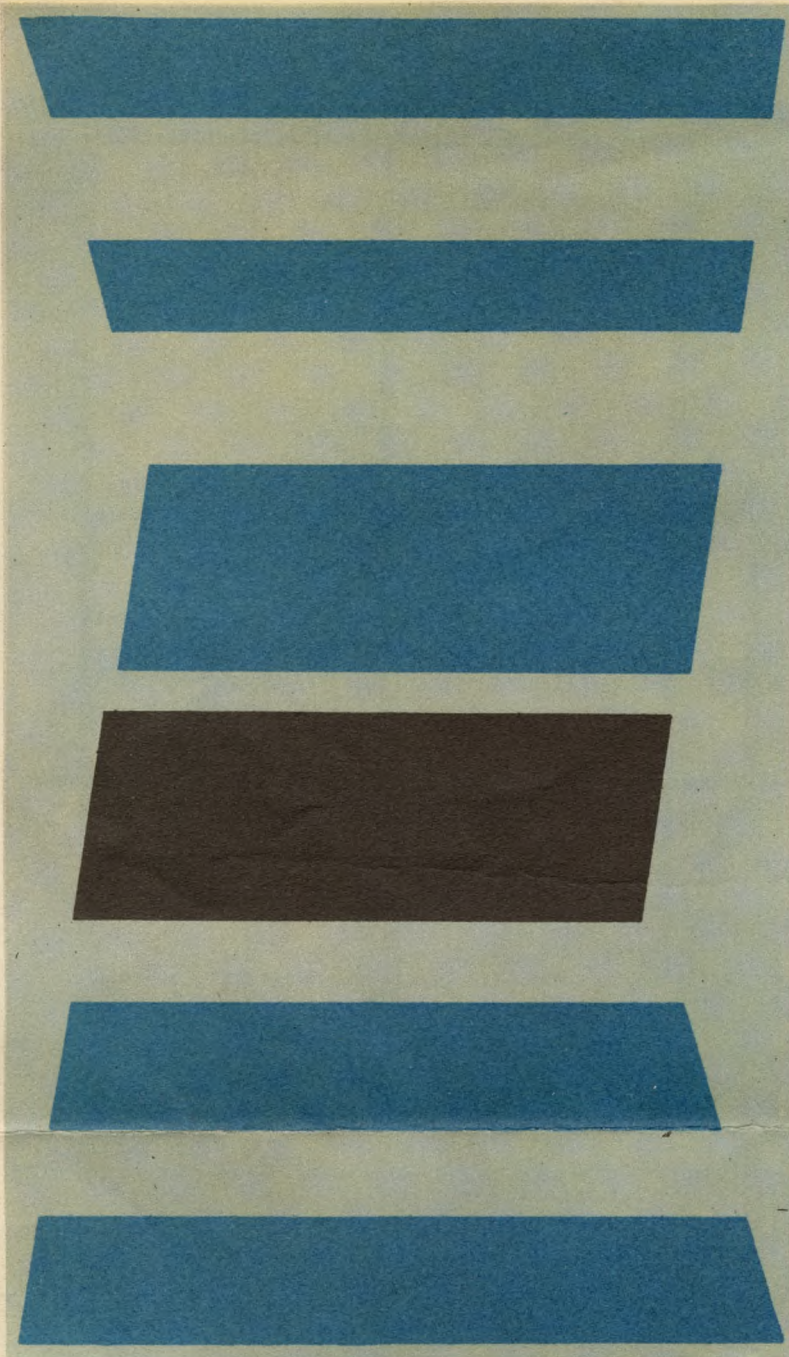


MILTON DA COSTA / concreto-expressionista /
Figura com chapéu

Milton Da Costa foi figurativo e hoje continua a sê-lo, embora reestruture a realidade de acôrdo com as suas sensações e sua "disciplina rigorosa, de ordem e exigência interior". Essa reestruturação sofre influências expressionistas e concretistas, dentro de limites abstracionistas.

vale a uma interpretação do original. Mário acha que o processo, devido a seu caráter vistoso e decorativo, satisfaz mais ao leigo, por vêzes, do que certos originais.

Os planos do editor são vastos. Êle planeja reunir artistas plásticos num "atelier" coletivo, para "troca de experiências e estudos das técnicas de estampagem". Perguntado se não teme que êsse "atelier" se transforme num ringue, limita-se a dizer que discussão é sempre sinal de interêsse por alguma coisa; que o que atrofia o desenvolvimento dos artistas é

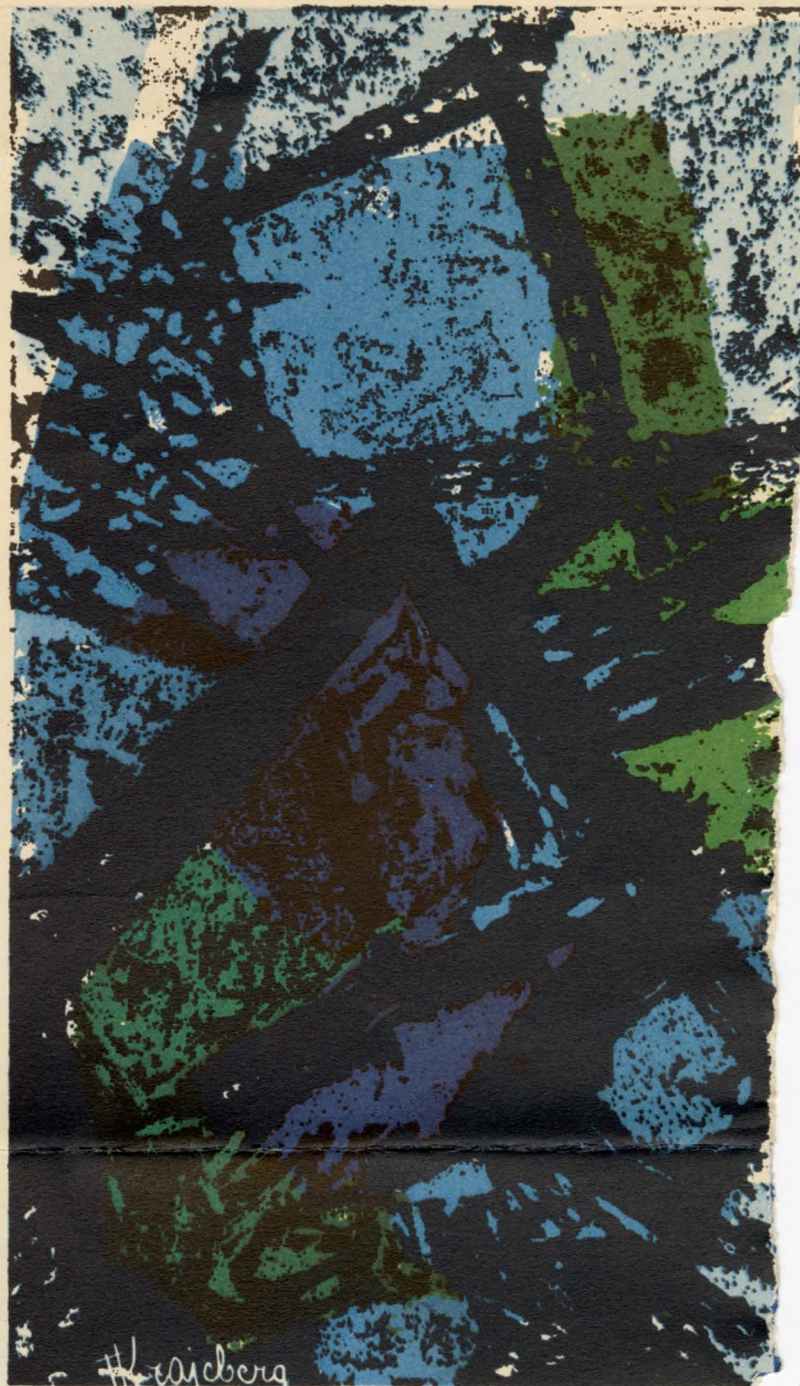


IVAN SERPA / concretista / Ritmo

Serpa era um dos mais "puros" concretistas. Esta escola exclui, praticamente, a participação temperamental do artista em seu trabalho e caracteriza-se pelo intelectualismo e pela procura de uma "harmonia linear". Agora ele anuncia que não é mais concretista: está em "nova fase".

a indiferença. Mário também planeja lançar edições de luxo de vários artistas abstratos e primitivos. Outro álbum de Di Cavalcanti, contendo seis estampas em várias cores, está no prelo. E isto é apenas o princípio. Mário de la Parra acredita realmente que as artes plásticas no Brasil tenham, em conjunto, uma significação cultural relevante.

O ecletismo do editor é sua mais interessante característica. Vivemos num tempo em que os donos dos museus, os organizadores de bienais, etc., ditam a moda em arte, relegando a segundo plano, quando não relegando ao esquecimento, artistas e tendências que fujam à rotina vigente. A alternativa é a do regime soviético, em que o Estado, em substituição aos patrocinadores das artes no passado, comissiona não só a palheta como a temática dos artistas.



KRAJCBERG / abstrato-expressionista / Pintura I

Franz Krajcberg é, antes de tudo, um expressionista. Formas vegetais marcaram o início da sua pintura, sombria. Hoje, cores vivas marcam como que uma nova atitude e uma nova visão plástica. Sua pintura, abstracionista, é muito individual e já está adquirindo uma posição marcante.

A separação da arte de hoje do povo de hoje coloca o nosso artista na mão de divulgadores — críticos, jornalistas, etc. — que são a ponte entre ele, os donos do mercado e os possíveis compradores.

Para o artista plástico capaz de arcar com as responsabilidades da liberdade de ação, um editor sem preconceitos estéticos incontornáveis, como Mário de la Parra, é uma exceção a ser devotamente preservada e estimulada. Δ

DI CAVALCANTI / "expressionista-mágico" / Duas mulheres

Di é também um expressionista. Mas não à maneira de Portinari. Di é mais lírico e menos realista. É ele quem diz: "Vejo a pintura através de um realismo mágico. Realismo, evidentemente, e mágico, porque reproduzindo a realidade ponho nela todos os mistérios da minha intuição".





Gatos, sôbre zínco de diferentes qualidades, na batalha sexo versus muletas: Barbara Bel Geddes e Ben Gazzara (Broadway, direção de Elia Kazan); Elizabeth Taylor e Paul Newman (Hollywood, direção de Richard Brooks); Cacilda Becker e Walmor Chagas (Rio e São Paulo, direção de Maurice Vaneau).

UM GATO QUE DESCOME DINHEIRO

“MAGGIE” é bela, razoavelmente, e possessiva, bastante. Quando passa pelas ruas de Memphis (Tennessee, E.U.A.), os homens interrompem suas especulações sôbre o preço do algodão, o produto da terra, para discutir seu corpo, em termos de oferta e procura.

Mas “Maggie”, embora pobre, pertence a “Brick”, com quem se casou porque era “bom na cama” e rico. “Brick” é o filho preferido de um magnata de algodão. O velho está morrendo de câncer, sem o saber. “Maggie” não entende a indiferença do marido pela bela herança. O irmão de “Brick” e esposa, um casal ganancioso, cuidam de atrair para si e seus filhos — a quem “Maggie” se refere como “monstros sem pescoço” — o dinheiro, adulando servilmente o patriarca da família. Pobre “Maggie”. Como se

não bastasse o desdém aristocrático do espôso pelo seu bem estar material, êle também se recusaria a dormir com êle, só porque “Maggie” levou seu melhor amigo ao suicídio. Êste não largava “Brick” e a mulher não admite concorrência em questão de sexo e dinheiro. Logo, começou a suspeitar a existência de uma relação homossexual entre os dois. Daí, à maneira de “Laura” de “Chá e Simpatia”, convidou o amigo para a cama, sob o pretêxto de restituir-lhe a masculinidade, uma forma sutil como um caminhão de afastá-lo de “Brick”. O jovem aceitou mas falhou. Convidado de seu homossexualismo telefonou a “Brick” para notificá-lo do fato e matou-se. “Brick” não gostou do rumo que os acontecimentos tomaram. Deu para beber. E puniu “Maggie” pela abstenção de seus direitos maritais.